



# **atos**

**do conselho superior**

---

ano LX — abril-junho de 1979

**N. 292**

**órgão oficial  
de animação  
e de comunicação  
para a  
congregação salesiana**

**ROMA  
DIREÇÃO GERAL  
OBRAS DE DOM BOSCO**



# **ATOS DO CONSELHO SUPERIOR**

## **DA SOCIEDADE SALESIANA**

---

**ANO LX — ABRIL-JUNHO DE 1979 — N.º 292**

### **Índice**

|     |                                                               |    |
|-----|---------------------------------------------------------------|----|
| 1.  | CARTA DO REITOR-MOR .....                                     | 3  |
| 2.  | ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES:                                     |    |
| 2.1 | O Conselheiro para a formação .....                           | 10 |
| 2.2 | O Ecônomo Geral .....                                         | 17 |
| 3.  | DISPOSIÇÕES E NORMAS:<br>(não há neste número)                |    |
| 4.  | ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR:                              |    |
| 4.1 | Trabalhos do Conselho Superior .....                          | 20 |
| 4.2 | Da crônica do Reitor-Mor .....                                | 20 |
| 4.3 | O Conselheiro para a Pastoral Juvenil .....                   | 22 |
| 4.4 | O Conselheiro para as Missões .....                           | 23 |
| 5.  | DOCUMENTOS E NOTÍCIAS:                                        |    |
| 5.1 | Intervenções do Reitor-Mor em Puebla .....                    | 26 |
| 5.2 | Nomeações .....                                               | 30 |
| 5.3 | Decreto sobre as virtudes heróicas do<br>P. Czartoryski ..... | 31 |
| 5.4 | Elenco de 1979: correções e atualizações .....                | 35 |
| 5.5 | Irmãos falecidos .....                                        | 37 |
| 5.6 | Necrológio (ordem cronológica) .....                          | 40 |



## 1. CARTA DO REITOR-MOR

---

*Roma, 1.º de março de 1979.*

*Queridos Irmãos,*

voltei ontem de longa viagem que me proporcionou a oportunidade de um serviço de animação à Família Salesiana das Antilhas, do México, da América Central e Panamá e das duas Inspetorias francesas.

O contato com os numerosos grupos de Salesianos dessas regiões fez-me observar mais uma vez a vitalidade da nossa vocação e o amor sincero que por toda a parte se devota ao nosso querido Fundador.

O acontecimento central desse mês e meio de peregrinações é a Conferência Episcopal de Puebla, decerto um evento salvífico para o futuro da América Latina e um testemunho profético para a Igreja universal e para o mundo.

A festa do nosso santo Fundador, celebrada nos primeiros dias da grande assembléia, serviu também para manifestar o apreço e o reconhecimento dos Bispos pela nossa vocação e presença efetiva no Continente, e para destacar a atualidade e o equilíbrio dinâmico da nossa missão juvenil e popular.

Em Puebla pude verificar, todos os dias, pode-se dizer, a plena sintonia do nosso tema capitular ("Os Salesianos evangelizadores dos jovens") com a vasta e concreta temática episcopal centrada na "Evangelização no presente e no futuro da América Latina".

Impressionou-me sobretudo a viagem pastoral do Santo Padre ao México e as suas orientações magisteriais, que tiveram extraordinária ressonância pela concretitude e clareza doutrinal, a tal ponto que repassou depois todo o clima dos trabalhos da assembléia.

Permiti-me anotar aqui e comunicar-vos fraternalmente algumas reflexões sobre esse evento eclesial. Julgo útil oferecê-las à vossa meditação, porque podem iluminar e orien-

tar em lugares quaisquer, mesmo fora da América Latina, o trabalho salesiano.

Escolho quatro.

1. **“PUEBLA” proclama fortemente a originalidade da missão da Igreja e, de modo particular, da vocação sacerdotal e religiosa**

Foi essa para mim a primeira grande reflexão. Qual era o ponto de vista e a característica original da reunião? Que tinham a dizer pessoalmente o Papa e os Bispos? Os informadores da opinião pública (como vimos nos dois últimos Conclaves) partem de outras categorias e de outros interesses. Parece que não podem compreender a função própria de Cristo na história; certamente não costumam mostrar-se em perfeita sintonia com o seu Espírito.

As múltiplas especializações humanas e as ideologias em moda não tendem a perceber nem a existência nem a natureza de uma indispensável atividade salvadora na história. É essa uma função exclusiva de Cristo e da sua Igreja, que exige um espaço próprio para a “vocação pastoral”. Ser “pastores” comporta uma originalidade e um nível específico de intervenção no devir humano, que se distingue da atividade econômica, política e cultural.

Com razão disse em Puebla o Santo Padre: “É uma grande consolação para o Pastor universal verificar que vos congregais aqui, não como num simpósio de peritos, não como num parlamento de políticos, não como num congresso de cientistas ou técnicos, por mais importantes que possam ser tais reuniões, mas sim num encontro fraterno de Pastores da Igreja”.

Antes, falando aos sacerdotes e aos religiosos, havia afirmado: “Este elevado e exigente serviço não poderá ser prestado sem uma clara e arraigada convicção acerca da vossa identidade como sacerdotes de Cristo, depositários e administradores dos mistérios de Deus, instrumentos de salvação para os homens, testemunhas de um reino que se inicia neste mundo mas que se completa no além. Perante estas certezas da fé, como ter dúvidas acerca da própria identidade? por que titubear acerca do valor da própria vida? por que hesitar no caminho empreendido?”.

Portanto, queridos Irmãos, eis uma primeira reflexão, bastante atual para nós hoje: ter consciência da originalidade da nossa vocação na história e cultivar-lhe a identidade é a primeira tarefa de renascimento e eficácia de um empenho pastoral.

A vocação de Cristo, do Padre, do Religioso é indispensável para a libertação e promoção integral do homem; é uma vocação grande e urgente; é uma vocação generosa e bela; é uma vocação para o crescimento e para o futuro. Cristo não é nem um técnico, nem um cientista, nem um político, mas é o homem mais necessário à história porque é o seu único salvador.

Fazer “pastoral juvenil” é colocar-se nesse espaço de atividade original de Cristo e da Igreja: os jovens têm urgente necessidade dela!

## **2. “PUEBLA” esclarece evangelicamente a dignidade do homem e assume com coragem a atual virada antropológica**

O Papa e os Bispos falaram com entusiasmo bíblico da dignidade do homem e da grandeza da sua pessoa. O novo documento episcopal critica os dois mais fortes secularismos politicamente opostos que hoje dominam a sociedade: o Capitalismo e o Marxismo, centrados num antropocentrismo que exclui, de fato, a Deus e nega a radical influência cultural e social da religião.

Ninguém conhece melhor e faz compreender mais profundamente a dignidade do homem do que Jesus Cristo, Deus feito homem.

Existe, pois, objetivamente (diz o Episcopado latino-americano) uma genuína antropologia cristã, centrada no homem “imagem de Deus”, que é proposta na fé e é iluminada pelo magistério da Igreja particularmente mediante a sua “Doutrina social”. O rico patrimônio doutrinal dessa Doutrina deve ser mais conhecido pelos crentes e fazer parte de forma cada vez mais explícita da mensagem cotidiana de evangelização.

O Papa e os Bispos em Puebla insistiram sobre a urgência de novamente considerar a fundo a Doutrina social do

Magistério, na qual “a Igreja propõe o que possui como próprio: uma visão global do homem e da humanidade” (PP 13). Tal Doutrina se deixa interpelar e enriquecer pelas ideologias naquilo que têm de positivo, mas por sua vez as interpela, relativiza e critica. Nem o Evangelho, nem a Doutrina ou Ensino social que dele provém, são ideologias. Ao contrário, representam para elas poderosa fonte de questionamento dos seus limites e ambigüidades. A originalidade sempre nova da mensagem evangélica deve ser continuamente esclarecida e defendida perante os intentos de ideologização” (Puebla n. 399-400).

Eis então, caríssimos, uma segunda conclusão particularmente útil para nós: dar importância objetiva à Doutrina social da Igreja, conhecê-la, aprofundá-la, comunicá-la, para que sejamos eclesialmente atuais e evangelicamente eficientes na nossa missão juvenil.

### **3. “PUEBLA” lança ao Continente um apelo característico por uma “pastoral da cultura”**

O fundamento dessa importante escolha deve-se colocar na posição autorizada assumida pela Exortação “*Evangelii Nuntiandi*”, na qual o pranteado pontífice Paulo VI chamava a evangelizar a cultura e as culturas (EN 20). Para tal fim o documento de Puebla apresenta um conceito renovado e vitalmente histórico da cultura, no significado indicado com exatidão pela “*Gaudium et Spes*”. E desenvolve todo o belo capítulo sobre a Evangelização, centrando-o na cultura; isso orientará a pastoral a solucionar o grave drama da separação entre Evangelho e cultura. O texto acentua a vinculação íntima que existe entre as culturas latino-americanas e a religiosidade popular, e em geral, entre cultura e religião.

Parece-me interessante observar que mais recentemente, ainda que em outro nível, o Santo Padre insistia sobre essa íntima vinculação. Lembrava-mo dias atrás o Reitor das Faculdades Católicas de Lião. Falando aos responsáveis pelas Universidades Católicas européias, o Papa insistia sobre a grave tarefa que têm os Pastores de “Evangelizar com plenitude e de forma duradoura o vasto mundo da cultura” lembrando que a Igreja sempre deu especial importância a uma “pastoral da inteligência”.

Há, nesse campo, caros Irmãos, toda uma nova acentuação e um novo modo de presença para a nossa missão juvenil e popular, que nos recordam as origens históricas da nossa missão. Impregnar de valores religiosos a cultura para a construção de uma nova sociedade é uma das grandes teses de Dom Bosco. O querido P. Ricceri na sua carta sobre a “responsabilidade política” dos Salesianos já nos havia feito notar esse ponto importante, dizendo que: “a nossa vocação de Salesianos comporta uma missão religioso-cultural especialmente entre os jovens pobres e nas classes populares, tendo precisamente em vista a nova Sociedade... Numa hora de transição como a nossa devemos saber repensar a vocação salesiana sem todavia traí-la. A construção de uma nova sociedade tem decerto necessidade de cultura; e a cultura, se não quer trair o homem, tem necessidade de religião” (ACS n. 284, out.-dez. de 1976, p. 15). Urge, então, uma renovada presença nossa na área cultural da educação, à qual nos convidou o CG21. Com efeito, a nossa missão se realiza num compromisso apostólico de síntese vivida entre Evangelho e Promoção, pelo que “evangelizamos educando e educamos evangelizando”.

Puebla destaca de forma extraordinária o âmbito popular que, no pluralismo cultural latino-americano, se apresenta profundamente impregnado de religiosidade cristã, de sabedoria e pedagogia católica. Por isso insiste em favor de uma evangelização que faça da piedade e da religião popular uma das metas mais concretas da renovação pastoral.

Também aqui, podemos ver apontada de forma bem concreta uma dimensão característica do nosso empenho de evangelizadores renovados, p. ex., no aspecto sacramental, mariano e devocional.

#### **4. “PUEBLA”, enfim, faz uma clara opção pelos jovens**

Trata-se de uma das grandes opções eclesiais a favor do Continente latino-americano. É uma escolha explícita de renovação pastoral pela qual a Igreja quer demonstrar particular confiança nos jovens (cf. EN 72), considerando-os a energia do futuro, educando-os para as exigências e responsabilidades da “participação” e da “comunhão”, dentro de um clima espiritual de esperança e alegria. Devem tor-

nar-se, eles próprios, protagonistas da evangelização da juventude.

“Participação e comunhão” são o fio condutor, teologicamente profundo e em sintonia com os sinais dos tempos, das orientações e diretrizes de Puebla; a sua aplicação à opção pelos jovens deverá caracterizar a renovação da pastoral juvenil.

Podemos acrescentar com particular satisfação que a outra opção de Puebla, a opção pelos pobres (não exclusiva, mas claramente preferencial), repercute necessariamente também no tipo de jovens a preferir: dá-se, pois, prioridade ao nosso setor característico da juventude popular e mais necessitada. É uma urgência de conversão pastoral, esta última dos pobres, já proclamada em Medellin, mas renovada com força pelo Papa no México e pelos Bispos em Puebla “porque a imensa maioria dos nossos irmãos continua a viver numa situação de pobreza e de miséria que se agravou” (Puebla n. 828). Trata-se, porém, não de uma opção classista, mas de uma opção pastoral; ela enfrenta o fato social da pobreza concreta, sem dúvida para atingir também as fortes exigências da justiça, porém, uma impregnação de Evangelho, que exorcizando o ídolo da riqueza faça amadurecer os crentes no espírito das bem-aventuranças, a tal ponto que a sua pobreza possa tornar-se “no mundo atual, um desafio ao materialismo, e abrir as portas a soluções alternativas da sociedade de consumo” (Puebla n. 917).

Ou seja: a opção dos pobres mais o empenho pela superação das injustiças, vivida e desenvolvida com critérios evangélicos, constitui uma espécie de posição estratégica para a invenção de uma sociedade alternativa aos dois grandes materialismos atuais, que desfraldam os respectivos projetos históricos como os dois únicos polos de um dilema insolúvel.

Seria longo, caríssimos, expor aqui toda a riqueza de conteúdos e a audácia dessa opção dos pobres feita pelo Episcopado em Puebla. A atenta leitura desse ponto do documento nos ajudará a aplicar de maneira mais realista o nosso CG21, corroborará em nós a fidelidade às grandes intuições evangélicas de Dom Bosco e iluminará os nossos passos nos propósitos de uma genuína conversão pastoral.

Que o Senhor nos ajude a refletir e a agir!

Permiti-me, porém, antes de concluir, uma última observação.

A assembléia de Puebla começou sábado, 27 de janeiro, no grande santuário da Virgem de Guadalupe, trabalhou sob a explícita e ininterrupta invocação e proteção de Maria, e encerrou-se com a entrega oficial do documento episcopal aos pés da efígie da Patrona da América Latina pelo cardeal presidente Sebastião Baggio, em Puebla, e pelos presidentes de cada Conferência episcopal nacional no principal santuário mariano do próprio País.

Maria é a Mãe da Igreja que oferece a sua ajuda nas horas mais densas de futuro. Sentia-o vivamente João Paulo II na sua oração-homilia do dia inaugural: “Oh Mãe, ajuda-nos a ser fiéis dispensadores dos grandes mistérios de Deus. Ajuda-nos a ensinar a verdade que teu Filho anunciou e a difundir o amor, que é o principal mandamento e o primeiro fruto do Espírito Santo. Ajuda-nos a confirmar na fé os nossos irmãos, ajuda-nos a despertar a esperança na vida eterna. Ajuda-nos a guardar os grandes tesouros encerrados nas almas do povo de Deus que nos foi confiado”.

Eis, caríssimos, como o Papa demonstra que Maria, Mãe da Igreja, é poderosa Auxiliadora! Invoquemo-la também nós constantemente para a renovação da pastoral juvenil e do nosso projeto educativo da bondade.

Auguro a todos inteligência e esperança.

Em comunhão de sentimentos,

P. EGÍDIO VIGANÓ

P.S. Recomendo com insistência que se reze todos os dias pelas vocações. É indispensável para a renovação. Quando o Bem-aventurado Miguel Rua se achava moribundo, o P. Cerruti compôs uma linda jaculatória, que a partir de então passou-se a rezar na Congregação. O P. Rua mandou-a ler, depois beijou-a, fê-la colocar debaixo do travesseiro, e assim morreu. Ei-la:

*“Cor Jesu sacratissimum, ut bonos ac dignos operarios Piae Salesianorum Societati mittere et in ea conservare digneris: Te rogamus, audi nos!”*

Rezemos muito e com confiança pelas vocações.

## 2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

---

### 2.1 O CONSELHEIRO PARA A FORMAÇÃO

#### **“CURSOS DE RENOVAÇÃO ESPIRITUAL OU CURSOS DE FORMAÇÃO PERMANENTE”**

A “renovação” da vida religiosa promovida pelo Vaticano II encontra, como sabeis, na “Formação permanente ou contínua” um dos seus pontos focais. Não foi sem motivo que o nosso Capítulo Geral 21 deu-lhe grande importância, seja a nível de “reflexão conceptual” (nn 308-313), seja a nível de “Orientações práticas” (nn. 314-342). As nossas deliberações são bem aceitas por outros Institutos, o que confirma a bondade da nossa colocação.

Pelas informações chegadas ao Dicastério, vejo que esse ponto é levado a sério e se trabalha ativamente. Sei que muitas regiões já podem contar com uma preciosa experiência de “Cursos de Renovação” e de outras atividades e que as demais regiões dispõem-se a fazê-la. É esse um sinal consolador da juventude da Congregação e da sua vontade de renovação. Mas como o capítulo Geral 21 tratou um tanto vagamente (n. 324, 325, 333, 335, 339) tanto da *natureza* como dos *objetivos, métodos* etc. de tais “*Cursos de Formação contínua ou permanente*” — que melhor se diriam “Cursos de renovação espiritual” — creio ser meu dever esclarecer alguns pontos de suma importância a fim de que, respeitando embora as justas exigências do pluralismo, haja a necessária *convergência nas coisas essenciais*.

#### **1. Cursos de atualização**

Sabe-se — como anunciaram revistas autorizadas — que a S. Sé vai publicar uma edição atualizada da “*Renovationis causam*”. Nela a Formação permanente ou contínua terá um lugar de justo relevo. Mas, independentemente desse documento, que devemos acolher com o espírito de docilidade que sempre distinguiu Dom Bosco com relação a tudo o que é disposição da S. Sé, uma importante distinção abriu caminho na consciência dos Institutos religiosos

nestes últimos anos e é universalmente aceita: a dos chamados "*Cursos de atualização*" — teológico, ascético, catequético, pastoral, pedagógico e cultural em geral — chamados também "*Cursos de requalificação*", de "*Reciclagem*", de "*Atualização profissional*" etc. e os "*Cursos de renovação espiritual*" ou "*Cursos de formação permanente*".

Conforme o princípio, tão caro a Dom Bosco, segundo o qual quando se ilumina a mente melhora-se o coração, os "*Cursos de atualização*" não só são, hoje, indispensáveis, mas, se bem conduzidos, não deixarão de influir de maneira salutar na conduta dos Irmãos. Tais cursos — que se podem reduzir a "*jornadas*" ou "*semanas*" de estudo, a "*cursos de férias*", e também a "*Cursos por correspondência*" — são já aquisições da experiência da Congregação, e todos têm praticamente possibilidade de frequentá-los, quer quando realizados em casas salesianas, quer quando promovidos pelos responsáveis das igrejas locais ou por outros Institutos religiosos.

O Capítulo Geral Especial pôs em evidência esse ponto (cf. n. 94, 618, 655, 686, 699, 701 etc.).

Nenhum curso sério de atualização deixa de ter forte incidência formativa e oração.

Mas os "*Cursos de atualização*" de que falamos, não se devem identificar ou confundir com os

## 2. "*Cursos de renovação espiritual*" ou de "*Formação permanente*"

Convém aqui lembrar-lhes rapidamente a origem. Os "*Cursos de renovação espiritual*" não nasceram por improvisa imposição do alto. São, ao invés, o ponto de chegada de toda uma linha de maturação espiritual e apostólica, que vem de longe e se concretiza no clima de renovação promovido pelo Vaticano II.

O Capítulo Geral XIX, de 1965, foi claramente o Capítulo que tomou consciência da necessidade de oferecer a todos os Irmãos adultos a possibilidade de adequado período de reflexão e renovação espiritual, quando inspirados ou movidos por autênticas exigências interiores. Entre as "*Disposições práticas*" desse Capítulo, lemos no Doc. IV: "Estude o Conselho Superior a possibilidade de realizar gradualmente um segundo noviciado de pelo menos seis meses

de duração, depois de cerca de dez anos de sacerdócio para os padres e dez anos de atividade apostólica para os coadjutores” (ACG XIX, p. 106 n. 3).

Talvez seja algo imprópria a terminologia empregada pelo Capítulo Geral Especial, mas o seu pensamento é claríssimo, porque fala dos Cursos de “atualização ascética” como de um segundo noviciado. Essa idéia é importante: não porque na idade adulta se deva refazer o noviciado, mas porque o espírito do noviciado que marca a “novidade” na Congregação deve iluminar — em planos e métodos muito diversos — o espírito de “*renascimento espiritual*” intrínseco aos cursos que muito oportunamente se definem “Cursos de Formação permanente ou Cursos de Renovação espiritual”.

As Deliberações do Capítulo Especial não permaneceram letra morta. Primeiro na Casa Geral e depois em outras áreas da Congregação surgiram importantes “Centros de renovação espiritual”, fizeram-se várias experiências, mais positivas umas, outras menos, mas todas elas importantes.

E chegamos assim ao Capítulo 21, que por assim dizer codificou a experiência, mais preocupado — como já dizia — em garanti-la para a Congregação do que em defini-la na sua natureza. Os “Cursos de renovação espiritual” não foram, com efeito, objeto de uma reflexão particular, com o inconveniente prático que, não tendo sido bem esclarecido o conceito de “*Curso de atualização*” e o de “*Curso de renovação espiritual*”, muitos acabam por confundi-los na prática (cf. Atos CG21 n. 307).

De aí a necessidade e urgência de esclarecer bem os termos da questão.

### 3. “Formação permanente” e “Cursos de Formação permanente”

O CG21, no “*Documento sobre a Formação para a vida salesiana*” deu grande destaque à Formação Permanente vindo nela “o *princípio organizador* que inspira e orienta a formação ao longo de todo o período da vida” (n. 308); precisou-lhe as *motivações* e os *conteúdos*, definindo-a como “um processo formativo do crescimento da pessoa e da sua inserção construtiva na sociedade; um empenho pessoal e comunitário para renovar continuamente a própria fidelidade dinâ-

mica e criativa... para ir aos jovens com uma proposta educativa adequada e atual” (n. 308); salientou-lhe a urgência e atualidade: “A rapidez atual das transformações sócio-culturais evidencia em alguns Salesianos formas de inaptidão educativa e apostólica e de desgaste da vida consagrada que demonstram a necessidade urgente de uma renovação pessoal e comunitária” (n. 307).

É preciso todavia relevar que a formação permanente, sendo embora um “continuum” que corre ao longo de todas as idades da vida, não tem uma dinâmica uniforme. Há os tempos ordinários (n. 326, 327, 328), os tempos fortes (331, 332) e há os que poderíamos chamar *tempos extraordinários*, muitas vezes únicos, representados justamente pela experiência vivida dos “Cursos de Renovação espiritual”.

A extraordinariedade dessa experiência vem do fato de o Irmãos subtrair-se às atividades e preocupações ordinárias e colocar-se num ambiente propício para a revisão profunda da sua vocação salesiana, extremamente favorável — após uma vida absorvente, dispersiva — ao seu renascimento vocacional e salesiano, ao descobrimento das suas riquezas, numa palavra, da própria identidade.

#### 4. Objetivos fundamentais do curso

São os indicados nas Constituições e nos Atos do CG21:

— “fortalecer e enriquecer nossa vida espiritual” (Const 118).

— “a renovação dos Irmãos individualmente; a reatualização da sua vocação salesiana, da sua eficiência apostólica, da sua maturidade humana (mentalidade aberta e crítica, sentido de responsabilidade, capacidade de comunicação e diálogo, oblatividade, criatividade etc. (CG21 312; cf. n. 308).

O objetivo maior será, pois: a renovação espiritual de cada Irmão e, mediante ela, das comunidades de que formam parte.

#### 5. Áreas privilegiadas de intervenção

É evidente, como se pode deduzir de quanto afirmamos, que não se poderá tratar de um Curso acadêmico, nem de um dos convencionais “Cursos de atualização”, embora contenha também uma reflexão sobre disciplinas teológicas e ascéticas (CG21 313).

Procurará, ao invés, ser um curso vital e prático (n. 316), “um tempo privilegiado do espírito”, uma ocasião de “revisão e repensamento” da própria vocação.

O Curso, em concreto, deverá qualificar-se como um tempo extraordinário da “renovação permanente” pedida pelas Constituições e pelo CG21 *como uma intensa e feliz experiência de vida salesiana*, vivida nos seus componentes diversos e complementares:

— Vida de forte empenho espiritual: o Curso deve realizar quanto afirma a CGE: “Estamos convencidos de que só um renascimento espiritual, e não uma simples reestruturação, dará início a uma nova época na história da Igreja” (n. 523).

— Renovação do espírito salesiano: embora a “marca salesiana” assinala por si mesma todas as expressões do Curso, a *salesianidade* será atentamente cultivada com várias iniciativas, como: lições sobre a espiritualidade e vida religioso-salesiana, conhecimento direto das fontes, projeto educativo de Dom Bosco, encontros com superiores e Irmãos experientes etc. (cf. CG21, n. 336-337).

— Reatualização da própria devoção mariana, característica do espírito salesiano e garantia celeste do Renascimento salesiano (Cf. Carta do Reitor-Mor e CG21 n. 589-591).

— Vida de intensa comunhão de oração e fraternidade: os participantes devem redescobrir, vivendo-os, os valores da ‘fraternidade’, a alegria de ‘estar juntos’, de trabalhar juntos, de rezar juntos nos atos da oração litúrgica e comunitária, a alegria de redescobrir o papel essencial da oração pessoal e do recolhimento.

— Vida de fervor apostólico: embora não torne possíveis em geral exercitações pastorais diretas, o curso deverá desenvolver-se de maneira a manter igualmente alta entre os participantes a ‘tensão missionária’ e a ‘caridade apostólica’, quer mediante o contacto com experiências e realizações pastorais particularmente significativas da Congregação e da Igreja local, quer mediante a apresentação e revisão das experiências passadas etc.

— Aprofundamento e repensamento da mentalidade de fé sacerdotal, religiosa e salesiana, alcançado com a reflexão atualizada sobre pontos mais candentes do saber teológico e antropológico que têm incidências mais imediatas sobre a

nossa vida de educadores e pastores. Esse aprofundamento, contido nos justos limites, é obviamente um ponto irrenunciável do “Curso de Renovação espiritual”.

## **6. Animadores e professores**

Lamentou o CG21 “a carência de animadores capazes”, no âmbito da Formação permanente e confiou ao “Salesianum” de Roma o mandato de preparar dentro do corrente triênio “Diretores e Animadores de Centros Regionais de formação permanente” (n. 339).

O Dicastério já elaborou um programa neste sentido e procurará cumprir seus compromissos. Como, porém, as coisas não nascem adultas, é mister que cada Grupo liugüístico ou Centro Regional faça o maior esforço possível a fim de prover os Centros de Formação permanente, já organizados ou em vias de organização, do pessoal que julgar mais apto, sacrificando também outros interesses. Como meta ideal devem-se encontrar duas pessoas empenhadas em tempo integral: um Diretor do Curso e um animador da liturgia e da vida de oração que seja fiel colaborador do Diretor em tudo.

Também a escolha do lugar onde colocar o Centro tem a sua importância: deve ser um lugar que torne possível, mesmo fácil, a escolha de “bons diretores de espírito” facilmente acessíveis e de professores competentes e responsáveis, capazes de vulgarizar em forma achegada a todos — ainda aos coadjutores, que não devem nunca faltar — os próprios conhecimentos. As melhores estruturas podem facilmente falhar por culpa de homens imprevistos.

Todas as Inspetorias da Região devem contribuir eficazmente para o bom êxito dos Cursos.

## **7. Participantes**

São os primeiros e mais diretamente responsáveis pelo bom andamento do Curso. Devem ser mentalizados, com boa antecedência, sobre a natureza e objetivos do Curso, a fim de que não fiquem desiludidos por esperarem coisa diferente: devem tomar parte com decisão absolutamente livre e responsável; devem estar animados de sincera vontade de renascimento interior; devem ver no pluralismo dos participantes um meio eficaz de promoção pessoal.

Sem essas e semelhantes condições é melhor limitar-se à frequência de oportunos “Cursos de atualização”.

## **8. Duração do Curso**

Deve proporcionar o espaço necessário para uma conversão profunda da identidade da própria vocação salesiana.

A experiência — comprovada também por outros institutos — ensina que o tempo ideal gira em torno de quatro meses: certamente não menos de dois. Em alguns lugares os Irmãos se reúnem por apenas um mês e menos até, não podendo absolutamente fazer mais: nesses casos os Cursos deveriam ser cíclicos, isto é, repetir-se no ano seguinte, completando o que não foi possível fazer antes.

A Congregação está justamente empenhada num esforço gigantesco pela promoção das vocações. Mas opiniões autorizadas dizem que hoje é mais urgente dar novo impulso e confiança aos religiosos adultos que fazer esforços enormes no campo vocacional, porque mesmo as melhores vocações correm o risco de falhar quando, chegando às casas, encontram ambientes salesiana e espiritualmente não preparados para recebê-los.

## **9. Método**

Muito embora movendo-se no campo dos objetivos e dos valores indicados pelas Constituições, pelo CG21 e pelo Reitor-Mor, o Curso deverá assumir a forma e o andamento próprio de pessoas maduras, que se sentem envolvidas em primeira pessoa no desenvolvimento do Curso, embora deva este desenvolver-se necessariamente segundo um plano e um programa estudado e comprovadamente eficaz.

O andamento do Curso deverá, pois, contar: com o sentido de responsabilidade e com o empenho de todos; deverá levar em conta a flexibilidade exigida pela natureza das coisas, a experiência e sabedoria dos participantes e dos professores; deverá levar em conta inevitáveis altos e baixos que caracterizam qualquer experiência humana e a sensibilidade das diversas culturas e dos vários ambientes; coisas essas muito naturais no clima de pluralismo na unidade e de unidade no pluralismo em que vivemos.

## 10. Conclusão

Essas indicações pareceram-me essenciais: estão de acordo com a letra e com o espírito dos nossos documentos e com o processo de maturação de que nasceram, e dão-lhe a justa interpretação.

Dou-me conta de que nem tudo está de acordo com quanto expus: em alguns casos tratar-se-á de modificar o traçado do percurso; em outros de aperfeiçoá-lo e modificá-lo; em outros, ainda, tratar-se-á de prosseguir com confiança porque se está a trilhar a linha justa. Sei também que isso tudo não será obra de um dia: o que importa é que a meta e os objetivos sejam claros e que para eles se caminhe.

Está programado, em tempo oportuno, um encontro de todos os responsáveis pela Formação permanente nos níveis inspetoriais e regionais: será uma ocasião muito oportuna para confrontar experiências já feitas, para atualizá-las e lançar-se a um futuro mais rico de frutos melhores.

Não posso concluir estas minhas observações sem manifestar o meu mais vivo agradecimento aos Sres. Inspectores, às Comissões de formação, aos Diretores e pessoal dos Cursos e a todos os Cursistas pelo que já estão a realizar. Sobre todos invoco a assistência e a proteção materna de Maria Auxiliadora e a benção de Dom Bosco.

---

## 2.2 O ECÔNOMO GERAL

Em conformidade com o artigo 182 dos Regulamentos, o Ecônomo Inspeitoral deve redigir todos os anos o balanço preventivo e consuntivo, o qual deve ser apresentado ao Inspetor e ao seu Conselho para devida aprovação.

Diz ainda que o balanço consuntivo compreenderá o movimento financeiro e a situação patrimonial da Inspeitoria, com um resumo dos balancetes de cada Casa, e que se envie cópia dele ao Ecônomo Geral, assinada pelo Inspetor e pelo seu Conselho.

Trata-se evidentemente de importante medida no setor da administração dos bens, os quais, ainda que para nós religiosos tenham simples função instrumental, constituem o suporte de todas as nossas atividades pastorais, educativas e assistenciais.

Não deve, pois, o cumprimento de tão importante dever ser subestimado, descuidado, assumido com levandade ou reduzido a inútil formalidade.

Em qualquer administração o balanço é um instrumento de diagnose, defesa e reflexão, para manter a situação econômica nos limites apropriados às disponibilidades e às necessidades. Deve, por conseguinte, ser elaborado *de maneira correta e exaustiva*, o que significa não descuidar nenhum elemento preciso, que mostre o ativo e o passivo, e dê garantia de corresponder plenamente à realidade.

Sua preparação não deve atrasar excessivamente, para que o relatório não perca sua principal finalidade. Responsáveis por esse trabalho são os Ecônomos locais e principalmente o Ecônomo Inspetorial, que, de acordo com o art. 179 dos Regulamentos, exigirá a tempo também o balancete administrativo de cada Casa, para depois preparar em formulário o balanço das Casas e da Inspetoria, conforme as indicações do citado artigo 182.

É fácil compreender que a falta de pontualidade na entrega do balancete, mesmo por parte de um só Ecônomo local, causa automaticamente o atraso da preparação de todo o balancete inspetorial, que deve ser atentamente examinado pelo Conselho Inspetorial, à luz das explicações e observações do Ecônomo Inspetorial.

É oportuno relevar aqui que esse documento interessa sobretudo o órgão dirigente e responsável da Inspetoria, o qual deve ter pleno conhecimento da gestão e situação econômica da Inspetoria e de cada Obra.

Deve além disso servir como uma boa oportunidade para que o Ecônomo Inspetorial aprofunde todos os aspectos do sistema administrativo e de cada um dos seus setores, tanto a nível da Inspetoria como a nível das Casas, a fim de controlar o uso dos meios econômicos, corrigir eventuais erros, melhorar a técnica administrativa e aperfeiçoar a destinação dos bens de acordo com a importância das necessidades.

E, por fim, o envio do relatório ao Ecônomo Geral, além de constituir para o Conselho Superior uma relação econômico-financeira, que completa o quadro informativo do andamento geral da Inspeção, é ao mesmo tempo para o Ecônomo Geral um documento do qual pode colher elementos úteis para dar sugestões e conselhos, quando preciso, como se faz todos os anos, e para conhecer de maneira exaustiva a situação econômica em alguma eventual necessidade.

Compreendemos facilmente que a compilação do balancete em formulários iguais para todas as Inspetorias implica considerável trabalho e sacrifício, sobretudo para os que têm um sistema administrativo-contábil com nomenclatura diferente do esquema dos módulos. Parece, entretanto, que a uniformidade do formulário é um elemento de unidade, de visão homogênea das diversas situações com vistas ao arquivo central, e facilita enormemente o exame.

Deve-se admitir que os Ecônomos sempre reconheceram a validade das razões que aconselham o formulário único, embora salientando as dificuldades para a preparação, que, de resto, de ano para ano se apresenta sempre melhor.

Fica aqui consignado por isso o mais vivo agradecimento, com os votos que todos cheguem à perfeição e enviem o material a tempo.

## 4. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR

---

### 4.1 TRABALHOS DO CONSELHO SUPERIOR

Encerrada a sessão plenária de novembro e dezembro de 1978, a atividade do Conselho continua, embora com reuniões menos frequentes e apesar da ausência de todos os Conselheiros Regionais empenhados em visitas extraordinárias.

São dois os principais campos de trabalho do Conselho neste período:

— o que poderíamos chamar de administração ordinária, para a solução de todas as questões de ordem jurídica, administrativa e religiosa enviadas pelas Inspetorias ao Conselho Superior para que proceda no setor de sua competência;

— e a efetivação de decisões e iniciativas tomadas na sessão plenária anterior e que competem ao Conselho.

Para evitar repetições, as informações sobre elas serão fornecidas quando levadas a efeito.

---

### 4.2 DA CRÔNICA DO REITOR-MOR

Em sua viagem a Puebla o Reitor-Mor reservou alguns dias para Porto Rico, São Domingos e Haiti, de 20 a 25 de Janeiro. Entrou destarte em contato com realidades salesianas autênticas, vastas e profundas, em países muito diversos uns dos outros, nos quais, porém, Dom Bosco é de casa. Como de hábito, o P. Viganó aproveitou a oportunidade para contatos fraternos com os Irmãos, com as FMA, com os outros membros da Família salesiana. Visitou as obras situadas nas imediações das capitais, verificando uma vez mais a vitalidade do nosso trabalho em zonas paupérrimas onde a nossa vocação se vive no sacrifício e na alegria. As Autoridades eclesiais (entre elas os Cardeais Arcebispos de São José e de São Domingos, e o Sr. Nuncio) acolheram-no com afeto, manifestando-lhe a própria satisfação pela pre-

sença salesiana. Levou consigo lembranças indeléveis: a pobreza extrema de “Villa Cristo Rey” em São Domingos, a esperança do novo noviciado e pós-noviciado em “Villa Dom Bosco” nessa República, os 8250 meninos de Porto-Príncipe que recebem de nós todos os dias também o pão material, o P. Volel, que com sua gente reconstrói Brooklin nos terrenos conquistados ao mar das Caraíbas, o menino de Haiti com suas saídas espontâneas: “Fique aqui com a gente. Não sabe crioulo? Não importa: basta que nos dê a mão e sorria para a gente!”...

Puebla, sede de um fato eclesial histórico e extraordinário, a III CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA, hospedou-o de 25 de janeiro a 14 de fevereiro, juntamente com o card. Raúl Silva Henriques, no aspirantado Juan Ponce de León. O Reitor-Mor participou ativamente na Conferência, à qual comparecia como convidado especial do Papa. Trabalhou diretamente na Comissão “Cultura e religiosidade popular”, foi solicitado a colaborar com outras Comissões, fez intervenções na assembléia e prestou vários serviços para o desenvolvimento dos trabalhos e redação final do texto. Aproveitou dos poucos momentos livres para visitar as obras salesianas da cidade, para encontros com os jovens, com os Irmãos e com os Salesianos (o Cardeal, nove Bispos e cinco sacerdotes participantes da Conferência) vindos a Puebla de todo o Continente.

A 14 de fevereiro despediu-se do México, indo mais uma vez ao santuário de Nossa Senhora de Guadalupe. Prosseguiu depois para Costa Rica, onde, em São José, o aguardavam os Inspetores da América Latina. Apresentou-lhes um apanhado do trabalho realizado em Puebla e o conteúdo do documento final, nos dias 15-16-17 de fevereiro. Em seguida partiu para Roma, com uma escala em Panamá, onde é palpável o entusiasmo por Dom Bosco.

Refeitas as malas, punha-se novamente em viagem a 21 de fevereiro, acompanhado pelo Superior regional P. Vanseveren, rumo à França, onde era vivamente esperado pelos Irmãos. Motivo: o centenário da fundação da obra em La Navarre. A nação que por bem sete vezes havia acolhido o nosso Fundador quis demonstrar a simpatia que nutre pelo sucessor. Em seis dias de trabalho muito intenso, o P. Viganó entrou em contato com os jovens, com Salesianos, FMA, VDB, Cooperadores, Ex-alunos. Viu-se a importância do ministério

de unidade do Reitor-Mor, e verificou-se o grande amor a Dom Bosco bem como a vontade de reviver-lhe o projeto evangélico. Também os Cardeais Arcebispos de Paris e de Lião, com os quais manteve colóquios, demonstraram grande estima pela Congregação. Na tarde de 28 de fevereiro o Reitor-Mor regressava à Casa Geral.

---

#### 4.3 DICASTÉRIO PARA A PASTORAL JUVENIL

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil, P. João E. Vecchi, deixou Roma a 3 de fevereiro para uma visita de dez dias à Inspetoria da Inglaterra. Após visitar as várias obras para adquirir um conhecimento mais concreto, juntamente com o P. Jorge Williams reuniu-se com o Conselho Inspetorial a fim de tratar temas referentes àquela região.

Viajou depois para Costa Rica, onde participou da reunião dos Inspetores da América Latina. No México apresentou temas do seu Dicastério à reunião dos Diretores do México, em Guadalajara, de 19 a 25 de fevereiro.

Visitou em seguida os aspirantados e as comunidades de finalidades vocacionais das duas Inspetorias do México, da América Central, Venezuela, Colômbia, Equador. Nessas Inspetorias encontrou-se com as equipes de pastoral juvenil. Finalmente presidiu em Cumbayá (Equador) a reunião dos Encarregados de Pastoral Juvenil, dos animadores vocacionais e dos Centros Juvenis das 24 Inspetorias da América Latina, a fim de estudar as linhas gerais e os “pontos” principais de colaboração e diálogo no sexênio 1978-1984.

O Dicastério continua entretanto a estudar o PROJETO EDUCATIVO SALESIANO. A um primeiro subsídio enviado às Inspetorias (em italiano e em inglês) seguirá o estudo mais acurado dos conteúdos em colaboração com peritos da Universidade Salesiana e aproveitando as contribuições das Inspetorias.

Foi enviado outrossim um subsídio-documento sobre a animação pastoral da Inspetoria e estuda-se o guia para o diretório vocacional, segundo a diretriz do n. 119 do CG21.

No dia 5 de abril, convocados pelo Dicastério, reuniram-se na Via della Pisana os animadores dos Centros Catequísticos e de Pastoral Juvenil da Itália para trocar idéias e estudar modalidades de colaboração.

---

#### 4.4 O CONSELHEIRO PARA AS MISSÕES

Por incumbência do Reitor-Mor e do Conselho Superior, a 26 de dezembro passado o Conselheiro para as Missões encontrou-se em Madrasta com o Inspetor, o seu Conselho e vários grupos de Irmãos (diretores, párocos, clérigos tirocinantes reunidos para um 'seminar') para comunicar a decisão de criar uma nova Inspetoria com as Casas que se encontram nos Estados de Andhra Pradesh, Karnataka e Kerala. Aproveitou a visita para um encontro com os Inspetores de Bombaim, Calcutá e Gauhati e para interessá-los numa eventual colaboração com a nova fronteira missionária na África.

De 15 a 25 de janeiro, o mesmo Conselheiro para as Missões pôde finalmente, após uma espera de mais de dois anos, visitar na ilha de Timor (Indonésia) sete dos nove Irmãos que se encontram naquela atribulada missão.

A fim de estudar possibilidades concretas de obras missionárias salesianas na África, segundo propôs o CG21, visitou o Sudão e o Quênia, entre 31 de janeiro e 5 de março últimos. De lá haviam chegado ao Reitor-Mor vários pedidos de fundação.

Animava-o nas suas observações uma palavra de Dom Bosco, de 26 de maio de 1886, transcrita das Memórias Biográficas (XVIII 142). Tratava-se da eventualidade de uma obra salesiana no Cairo, proposta pelo Ministro do Exterior, e Dom Bosco exclamou: "Estou inclinado a aceitar e enviarei ao Cairo alguns Salesianos, assim que puder. É preciso procurar um indivíduo bem astuto (*lestofante*) que vá ao Cairo, observe, e inicie os trâmites... Se eu fosse jovem, pegaria o P. Rua e lhe diria: "Vem, vamos ao Cabo da Boa Esperança, à Nigricia, a Kartum, ao Congo; ou melhor a Suakin. (...).

Podia-se colocar um noviciado nas bandas do Mar Vermelho...”.

O Conselheiro para as Missões, sem pretensões de ser o hábil “*lestofante*” procurado por Dom Bosco, chegou a Kartun no dia da festa de Dom Bosco e recebeu fraterna e generosa hospitalidade dos PP. Combonianos, que se colocaram à sua disposição para o programa.

Na própria Kartun o Bispo e os Combonianos pediam que assumíssemos a direção de uma escola técnica de modestas proporções, embora com cinco qualificações profissionais, e ofereciam-nos atividades várias em paróquias e centros juvenis.

Todavia a atenção do Conselheiro para as Missões voltou-se preferencialmente para o sul do Sudão, onde vive 21% da população (3.800.000) com 680.000 católicos (87% dos católicos no Sudão), alvo de intenso programa de islamização.

O campo de missão apresenta-se extremamente difícil e ao mesmo tempo de excepcional urgência.

Os Combonianos haviam criado obras muito válidas para a evangelização e a promoção humana, mas com a nacionalização das escolas em 1957 e a expulsão de mais de 270 entre missionários e Irmãs em 1964, a Igreja do Sudão encontrou-se em condições lamentáveis. Por 17 anos travou-se a guerra civil entre Norte e Sul e desapareceu o atendimento pastoral aos católicos. A Igreja acha-se ainda prostrada e o clero é escassíssimo: 12 sacerdotes para uns trinta grandes centros missionários. Os Bispos, implorando, pedem-nos pessoal para as paróquias-missões, para seminários menores e para a pastoral juvenil.

Um convite irresistível para os Salesianos parece vir também da vasta e bela catedral de Wau dedicada a Maria Auxiliadora, com uma estátua, sempre da Auxiliadora, presenteada por benfeitores de Turim. É Nossa Senhora a abrir mais uma vez o caminho aos nossos missionários?

O país é muito pobre de quanto se possa imaginar, domina o analfabetismo, a população padece de doenças: há ao mesmo tempo grande esperança na obra dos missionários. Os que enfrentarem essa empresa deverão estar animados de grande amor e zelo para com os pobres, de forte capacidade de renúncia e sofrimento, mas poderão estar certos de

encontrar na população acolhimento cheio de entusiasmo e disponibilidade.

Partindo do Sudão meridional, o Conselheiro para as Missões pôde fazer uma rápida visita também ao Quênia, às dioceses de Meru e Kisumu. A paisagem é aí luxuriante e a situação geral muito boa, mas a necessidade de missionários é igualmente muito grande, muito embora já lá esteja o Instituto da Consolata e os missionários de Mill Hill. Pedem aos Salesianos a abertura de missões ao pé do monte Quênia e às margens do lago Vitória, a direção de uma pequena tipografia e carpintaria, a assistência a uma incipiente congregação de irmãos leigos. O trabalho é promissor, também em vista das vocações.

No Quênia e no Sudão é desejável o conhecimento da língua inglesa, mas a língua local é mais fácil do que as línguas da Ásia.

A simples visita a um país não decide por si só a abertura de uma nova missão: é mister considerar o assunto num quadro geral e pedir a Deus que mostre o justo caminho. Parece todavia que o Sudão e o Quênia oferecem boas condições e garantias para o nosso apostolado e que podem estimular a generosidade dos nossos Irmãos para atender aos desejos do CG21.

## 5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

---

### 5.1 INTERVENÇÕES DO REITOR-MOR EM "PUEBLA"

Foi muito empenhativa e exigente a mecânica de trabalho na III Conferência Episcopal de Puebla. Deu que fazer a todos os participantes. Além dos trabalhos de comissão, das iniciativas paralelas, dos 'modos' escritos para as redações do texto, havia a possibilidade de sugestões concretas à "Comissão Central de articulação e coordenação" e também de intervir, não mais de duas vezes, na assembléia primária, durante três minutos.

Das contribuições apresentadas pelo Reitor-Mor será útil conhecer as três seguintes:

— duas na sessão plenária:

- uma para o texto da 2.<sup>a</sup> Comissão: "Cristo, centro da história";
- e outra para o texto da 12.<sup>a</sup> Comissão: "Vida consagrada";

— e uma sugestão de esclarecimento à Comissão Central de articulação:

- contribuição para o esclarecimento dos conceitos de "participação e comunhão".

#### 1. Cristo, centro da história

Creio que ficaria bem melhor o texto da 2.<sup>a</sup> Comissão se, em vez de começar com uma "descrição doutrinal" do plano de Deus, o fizesse com uma "visão direta", apresentando objetivamente o que Ele é e o que faz hoje.

1.º Cristo está vivo, e preocupa-se com a América Latina; sua ressurreição fá-lo viver na história, que Ele fermenta com energias escatológicas.

2.º São duas as suas grandes tarefas a respeito:

a) É *liturgo e mediador* diante do Pai, sendo o único sacerdote válido da Nova Aliança.

Com essa tarefa faz crescer na história a “*participação*” para que mediante a Eucaristia, sacrifício sacramental, o trabalho do homem e toda a sua história se possam converter em liturgia e glória do Pai.

b) *Como Cabeça da Igreja* envia-nos o Espírito Santo que constrói a “*comunhão*” dos homens. Uma vez mais, mediante a Eucaristia, edifica o seu Corpo místico, que não é (como por descuido diz o “Documento de trabalho”) uma simples “imagem” para explicar a nossa fraternidade batismal, mas uma afirmação realista do mistério da unidade humana nEle.

3.º Assim, além de introduzir em forma cristológica o “fio condutor” dos conceitos de participação e de comunhão, insinua-se claramente o grande evento inovador que Cristo é o Senhor da história não somente porque a guia de maneira global, mas também porque nos ajuda a “fazê-la”.

É importante para a América Latina salientar que o domínio de Cristo sobre o devir humano não comporta nenhum passivismo por parte dos Cristãos, mas sim uma profunda “participação e comunhão” com Ele para ser protagonistas da história *mediante o amor*.

4.º Somente depois dessa “visão direta” do Cristo vivo e operante entre nós, colocaria a reflexão doutrinal acerca do “plano de Deus” mostrando a luz que ele traz à nossa tarefa evangelizadora.

Puebla, 2 de fevereiro de 1979.

## **2. Vida consagrada**

Refiro-me ao tema da “Vida consagrada” (12.ª Comissão). Na minha opinião o texto deveria focalizar melhor o “ponto de vista específico” segundo o qual o tema é proposto em todo o “núcleo”: trata-se, com efeito, dos consagrados enquanto “*agentes de comunhão e participação*”.

Partindo desse ângulo sugiro alguns pontos de atualidade que mereceriam maior atenção no texto:

a) *As relações mútuas entre os Bispos e os Religiosos.*

É um argumento delicado e complexo que foi estudado conjuntamente, durante mais de dois anos, pelas duas Sagra-

das Congregações dos Bispos e dos Religiosos, partindo da análise das situações concretas.

Fruto desse estudo é o recente documento pastoral “Mutuae relationes”.

Esse documento deveria ser objeto de maior atenção e a sua aplicação devia ser vigorosamente recomendada pela III Conferência Episcopal, tanto na 11.<sup>a</sup> Comissão como na 12.<sup>a</sup>

b) A “índole própria” de cada Instituto

A índole própria põe em relevo a importância do “carisma dos Fundadores”: ela é “como uma experiência do Espírito, transmitida aos próprios discípulos a fim de que seja por eles vivida, conservada e aprofundada e constantemente desenvolvida” (MR 11) segundo as exigências dos tempos.

Isso requer, de uma parte, a consideração realista dos “destinatários” para os quais foi fundado um instituto religioso: o que implica uma recolocação cultural e social dos Religiosos. E, por outra parte, a renovação do serviço da autoridade religiosa com vistas à animação e à renovação do Carisma do Fundador. O documento “Mutuae relationes” apresenta uma descrição dessa autoridade no importante parágrafo 13.

Esse aprofundamento da índole própria exige, entre outras coisas, que se considere o conjunto da Vida Religiosa não como uma convergência genérica e um aglomerado uniforme, mas como uma comunhão de Institutos “diferentes”. Disso deriva a exigência de precisar melhor a natureza e as funções das Uniões ou Conferências de Superiores religiosos.

c) *A promoção eclesial das Religiosas*

Os n. 49 e 50 de “Mutuae relationes” encorajam a promoção de uma nova presença das Religiosas: no campo pastoral (estou citando) “instituiu-se um novo e assaz importante lugar confiado às mulheres. Os Bispos (...) os Superiores e as Superiores façam com que seja melhor conhecido, aprofundando e fomentando o serviço apostólico das Religiosas”.

Este argumento não deveria faltar no texto, mostrando o interesse da III Conferência Episcopal por uma maior “participação e comunhão” das Religiosas entre os agentes da evangelização.

Puebla, 8 de fevereiro de 1979.

### 3. Participação e Comunhão

*Contribuição apresentada à Comissão central de articulação para o esclarecimento dos conceitos de “participação e comunhão”.*

Entre os “sinais dos tempos” mais dinâmicos na América Latina estão o “processo de socialização” e o “processo de libertação”; o primeiro leva à *participação* ativa de todos no esforço social e histórico; o segundo a *comunhão* na diversidade, segundo um legítimo pluralismo de convivência cidadina.

Estes sinais dos tempos têm sua projeção também na Vida eclesial e nos ajudam a repensar em profundidade o mistério de Cristo.

Assim, pois, os conceitos de “participação” e de “comunhão” têm dois níveis de aplicação: um propriamente *social*, e outro especificamente *eclesial*.

“*Participação*” — implica um sentido de pertença vital à realidade social e à realidade eclesial, pela qual se possui pessoalmente uma responsabilidade ativa na realização de uma tarefa comum.

Comporta uma consciência explícita de pertença e uma atividade de protagonismo na história, tanto a nível temporal como a eclesial. Para o cristão a atividade de “participação”, em ambos os níveis, funda-se numa filiação objetiva de todos ao Pai, a qual implica o exercício do sacerdócio batismal para transformar a história em liturgia.

A síntese sacramental dessa participação ativa é a Eucaristia como ação sacrificial, que insere na Páscoa de Cristo o trabalho de cada geração humana.

“*Comunhão*” — implica um sentido de unidade e de amor que torna complementárias e harmônicas as legítimas diversidades humanas, tanto a nível social como eclesial.

Exige convivência e diálogo partindo de perspectivas diferentes, quer culturais e ideológicas, quer ministeriais.

Comporta uma consciência explícita de fraternidade entre todos os homens; tal consciência move a interpretar as diversidades culturais, sociais e funcionais como expressões necessárias e enriquecedoras de uma única e polivalente realidade humana.

Tudo isso abre as portas ao dialogo, à inter-relação das culturas, à organicidade da Sociedade civil e da Igreja, a capacidade social de um são pluralismo.

Para o Cristão a comunhão traz consigo o sentido vivo da organicidade do Corpo de Cristo, que é a Igreja, e a educação a uma caridade mais forte que todas as diferenças. Também a síntese sacramental da comunhão se exprime na Eucaristia enquanto banquete de unidade.

Cristo ressuscitado, Sacerdote eterno e Chefe do Corpo místico, é o propulsor cotidiano da participação” e da comunhão” de todos os homens no Reino de Deus.

Puebla, 9 de fevereiro de 1979

---

## 5.2 NOMEAÇÕES

### 5.2.1 Novos Inspetores

De conformidade com o art. 169 das Constituições o Reitor-Mor com o seu Conselho nomeou os seguintes inspetores:

P. Matias Lara Diez para a Inspetoria de Bilbao (Espanha),

P. Tomás Thayil para a nova Inspetoria da Índia

### 5.2.2 Novo Delegado para a Coréia

O Reitor-Mor convocou o P. Lucas Van Looy para reger a Delegação da Coréia no sexênio 1979-1985. O P. Lucas Van Looy era anteriormente Vigário da Delegação.

### 5.2.3 Dicastério para as Missões

O P. Henrique Rasmussen, que está concluindo o seu mandato de Inspetor da Província de São Francisco (E.U.A.), foi chamado pelo Reitor-Mor para fazer parte do Dicastério das Missões com a incumbência de cuidar das “novas fronteiras missionárias” na África propostas pelo Capítulo Geral 21.

---

### 5.3 DECRETO SOBRE AS VIRTUDES HERÓICAS DO SERVO DE DEUS AUGUSTO CZARTORYSKI

“Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá-os aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois vem e segue-me” (Mt 19,21).

Essas palavras do Evangelho, que definem de maneira incisiva as características mais altas da *sequela Christi*, foram o motivo inspirador da vida de Augusto Czartoryski, sacerdote da Congregação Salesiana. Ao enérgico convite de Cristo dirigido aos seus discípulos deu ele a sua resposta com um desapego heróico das grandezas e das riquezas do mundo e com uma absoluta fidelidade ao dom incomparável da vocação religiosa.

Oriundo de nobre família polonesa exilada na França, Augusto nasceu em Paris a 2 de agosto de 1862. Foram seus pais o Príncipe Ladislau e Maria Amparo, filha de Maria Cristina, rainha da Espanha.

Dois dias depois foi regenerado nas águas batismais, aos treze anos recebeu o sacramento da Crisma e fez a Primeira Comunhão.

A sua educação, desde os primeiros anos, foi seriamente religiosa por tradição de família e também pela escolha de ótimos preceptores, que se preocuparam não só com preparar o jovem aluno para as exigências de sua nobre condição social, mas sobretudo com guiá-lo a mais decididas ascensões na vida cristã. Entre eles teve especialíssima influência, também por partilhar de idêntica situação espiritual, o Servo de Deus José Kalinowski, que depois entrou para a Ordem dos Carmelitas Descalços, com o nome de Rafael de São José.

Durante a infância e em todos os anos da juventude, Augusto viajou por muitas cidades e regiões da Europa em busca de climas convenientes a sua sempre precária saúde e também porque a família desejava colocá-lo em contato com os ambientes aristocráticos e políticos de seu tempo, como preparação para as tarefas que na pátria o aguardavam.

Nesses anos, aparentemente sem afirmações pessoais e muito movimentados, foi-se elaborando um processo interior do qual devia brotar depois o gesto mais significativo da vida do Príncipe Augusto. O brilhantismo da vida exterior escondia o drama da alma que buscava o caminho do Senhor.

Pois se realmente possuía tudo quanto lhe podia proporcionar a nobreza principesca, estava quase sempre doente, vivia longe da pátria querida e freqüentemente separado da família, sentia-se só e enfastiado das muitas festas e recepções de que devia participar.

Tão-somente a intensidade da fé dava uma orientação segura à sua alma: fazia-lhe compreender dia após dia a vaidade das grandezas humanas, confortava-o nas horas amargas da vida, sustentava-o nos dias de sua existência, que desde então cuidava de santificar com a oração assídua e a freqüência dos sacramentos, com o esforço por viver constantemente à presença de Deus, na pureza ilibada dos costumes em meio às vaidades do mundo, com o exercício da humildade e da bondade para com todos.

Fazendo-lhe sentir o tédio das coisas terrenas e abrindo-lhe sempre mais o espírito ao gosto das coisas celestes, o Senhor preparou-o à decisão que devia dar sentido definitivo e verdadeiro à sua existência.

Encontrando-se em Paris, em 1883, Dom Bosco foi convidado a celebrar a santa Missa na residência da família Czar-toryski, e Augusto pôde então falar rapidamente com ele. Foi um encontro providencial, no qual Dom Bosco ganhou de maneira total e definitiva a confiança do Príncipe, confiança que viria provocar depois um íntimo relacionamento espiritual.

Augusto que havia muito sentia inclinação por uma vida cristã vivida com plenitude e intensidade, tomado de admiração pelo homem de Deus, percebeu com clareza que o Senhor o chamava à Congregação Salesiana. Disso tratou repetida e insistentemente com o Santo, que a princípio procurou prudentemente dissuadi-lo, mas depois, movido pela autoridade do Papa Leão XIII, atendeu-lhe o pedido.

Augusto houve de lutar com todas as forças, sofrendo um verdadeiro martírio do coração, para vencer a resistência

da família desencantada em suas expectativas, mas não desistiu de seguir a voz de Deus: renunciou a todas as prerrogativas de primogênito, recebeu o hábito talar das mãos do próprio Dom Bosco em 1887, e começou a servir o Senhor com uma alegria imensa, que jamais esmoreceu.

Emitiu os votos nas mãos do Bem-aventurado P. Miguel Rua, sucessor de Dom Bosco, a 2 de agosto de 1888 e foi ordenado sacerdote a 2 de abril de 1892. Não pôde infelizmente exercer na prática o seu apostolado como salesiano porque se agravou o mal de que já sofria e foi chamado ao prêmio pelo Pai celeste a 8 de abril de 1893, em Alassio, diocese de Albenga, um ano apenas após a ordenação sacerdotal.

Se a vida não lhe foi longa, sobretudo a de religioso, Augusto Czartoryski, na generosidade da sua doação ao Senhor, praticou de modo heróico as virtudes da perfeição evangélica.

Foi heróico haver conservado sempre ilibada a sua vida e tornado sempre mais intenso o fervor das suas ascensões espirituais nos ambientes em que passou os anos perigosos da juventude, ambientes que, se não eram propriamente maus, convidavam todavia à mundanidade.

Heróico foi o desapego da família e das riquezas como ainda a renúncia a um futuro rico de promessas, para entrar numa Congregação que vivia ainda a incerteza da fase inicial e lhe era estrangeira, na qual se vivia uma vida de pobreza e sacrifício não apropriada à sua saúde e não lhe oferecia um apostolado de grande prestígio mas o trabalho obscuro entre os jovens das classes sociais pobres.

Heróica a atitude com a qual enfrentou as novas exigências da vida religiosa, tão outras da anterior, em espírito de humildade e serena obediência, na prática de constante união com Deus, na qual se exercitou com o Venerável P. André Beltrami, seu Irmão de Congregação, em manifestações de bondade cordial com todos, na alegria verdadeira de tudo sacrificar — família, fortuna, vida — para servir ao Senhor de maneira total e irrevogável na Congregação Salesiana.

No fim fez o holocausto da sua vida conformando-se com Cristo na aceitação dos sofrimentos do corpo e da alma e nos contínuos atos de amor de Deus.

Os acontecimentos da vida de Augusto Czartoryski são a história de uma vocação sofrida e seguida com firmeza ina-

balável até à total doação a Deus. O exemplo da sua vida é assaz iluminante e convincente para os homens do nosso tempo porque, renunciando com generosidade e coragem aos bens da terra, demonstrou o valor superior dos bens celestes e a felicidade reservada aos que os buscam.

A fama de santidade que acompanhou o Servo de Deus na vida não diminuiu depois da morte, antes cresceu, e o Senhor pareceu confirmá-la com sinais celestes. Decidiu-se deste modo promover a causa de Beatificação. Foram instruídos nos anos 1921-1927 os processos canônicos com autoridade episcopal ordinária na Cúria de Albenga e por rogatórias nas Cúrias de Turim, Cracóvia e Madri. Tais processos foram depois enviados a Roma. Feito o exame dos escritos do Servo de Deus, foi promulgado a 20 de novembro de 1940 o decreto para que se procedesse na Causa, e a 23 de março de 1941, com a aprovação do Papa Pio XII, a própria Causa foi introduzida na Sé Apostólica. Foram instruídos em seguida nos anos 1943-1948 com autoridade apostólica os processos sobre as virtudes "in specie" do Servo de Deus junto à Cúria de Turim e junto ao Vicariato de Roma. O decreto de 4 de novembro de 1951 pronunciou-se positivamente sobre a forma jurídica e sobre a validade de todos os processos.

A discussão sobre as virtudes teológicas, cardeais e anexas do Servo de Deus fez-se a 11 de outubro de 1966 junto à então S. Congregação dos Ritos, na reunião que se chamava antepreparatória, depois, a 24 de janeiro do corrente ano de 1978, na Congregação Particular desta S. Congregação para as Causas dos Santos, e, enfim, a 25 de abril do mesmo ano, na Congregação Plenária dos Cardeais, sendo ponente ou relator o Revmo. Senhor Cardeal Francisco Carpino. A 22 de setembro de 1978, o Sumo Pontífice João Paulo I confirmou o parecer positivo dos Padres Cardeais, mandando que se preparasse segundo o uso o decreto sobre as virtudes heróicas do Servo de Deus.

Hoje, finalmente, o Sumo Pontífice João Paulo II, na presença do abaixo-assinado Cardeal Prefeito, do Card. Francisco Carpino, relator da Causa, e minha Bispo Secretário e dos outros de hábito convidados para tais atos, decretou: CONSTAR DAS VIRTUDES TEOLOGAIS DA FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE TANTO PARA COM DEUS COMO PARA COM O PRÓXIMO, DAS VIRTUDES CARDEAIS DA PRUDÊNCIA, JUSTIÇA, FORTALEZA E TEMPERANÇA E DAS

VIRTUDES ANEXAS, EM GRAU HERÓICO, DO SERVO DE DEUS AUGUSTO CZARTORYSKI, NO CASO E PARA O FIM DE QUE SE TRATA.

Ordenou ainda a publicação do presente Decreto e sua inclusão nos atos desta S. Congregação.

Dado em Roma, a 1.º de dezembro do Ano do Senhor 1978

Corrado Card. Bafile, Prefeito

Giuseppe Casoria, Arc. tit. de Fornovo, Secretário

---

#### 5.4 ELENCO DE 1979 (PRIMEIRO VOLUME): CORREÇÕES E ATUALIZAÇÕES

##### **Novos Telefones:**

- p. 23 TORINO-LEUMANN: 95.91.091
- p. 78 FRASCATI-Villa Sora: 94.21.831
- p. 198 MALTA-DINGLI: 674.546
- p. 285 CÓRDOBA-Espanha: (957)226392; 226383; 226394

##### **p. 14\* Endereço telegráfico da direção Geral**

SALESIANI PISANA 00163 ROMA

##### **p. 14\*; p. 2 Endereço postal da Direção Geral:**

Via della Pisana, 1111  
00163 ROMA

**ou então:**

Casella Postale 9092  
00100 ROMA AURELIO

##### **p. 444 Endereço da Casa de CHERRAPUNJEE:**

St. John Bosco Shrine  
Cherra Bazar — 793111  
Meghalaya, India

##### **Acrescentar:**

- p. 2 Direttore e Delegato del Rettor Maggiore: sac. Bianco Angelo
- p. 3 Smit Antonio sac., entre os membros da Casa Geral
- p. 114\*; p. 142 Kiener Pietro, coad., tra i confratelli della Casa di VIEN III, Salesianum

- p. 114\*; p. 197 Koikara Felice, sac. tra i confratelli della Casa di Battersea  
p. 182\*; p. 240 Rokita Stanislaw, sac. tra i confratelli della Casa di Czerwinsk  
p. 192\*; p. 142 Schabl Giovanni, coad. tra i confratelli della Casa di Wien III, Salesianum  
p. 472; p. 495 Thailandia. Nuova Casa di SAMPHRAN "San Pietro";  
**Direttore:** sac. Cais Francesco  
**Maestro di novizi:** sac. Maccioni Patrizio

**Novos encargos** (além dos já lembrados no título Novos Inspetores):

- p. 58\*; p. 427 CALCUTTA, **Vicario:** sac. Colussi Luciano  
p. 114; p. 438 GAUHATI, **Ispettore:** sac. Kochuparambil Matteo  
**Vicario:** sac. Chittappanatt Giorgio

**Corrigir**

- p. 240 **Vicario e Maestro di novizi:** sac. Michurski Giuseppe

**Cancelar:**

16\*, V\* Agra Antonio, falecido a 15.2.1979;

17\*, V\* Ainsworth Guglielmo, dispensado; 19\*, 308 Alvaro Vincenzo, dispensado; 216 Bajuk Antonio, falecido a 2.2.1979; 31\*, 326 Belda Arturo, dispensado; 34\*, V\* Biaggi Antonio, dispensado; 35\*, 17 Biselli Leopoldo, falecido a 31.1.1979; 43\*, 120 Buson Luciano, falecido a 30.1.1979; 48\*, 419 Carmona Giacomo, Direttore nella Casa di Terlac, 421; 49\*, 199 Caruana Ernesto, dispensado; 55\*, 451 Chyne Vincenzo, dispensado; 55\*, 230 Cieslar Adamo, falecido a 19.12.1978; 58\*, V\* Colussi Giuseppe, falecido a 26.12.1978; Costamagna Simone, falecido a 27.1.1979; 61\*, 474 Crespi Delfino, falecido a 30.12.1978; 67\*, 240 Demisiuk Romano, demitido; 71\*, V\* Domitrovitch Stefano, falecido a 18.2.1979; 73\*, 396 Dunning Albert, dispensado; 74\*, V\* Ekert Marco, dispensado; 76\*, 325 Estesio Francesco, dispensado; 81\*, V\* Filustek Ladislao, falecido a 16.2.1979; 94\*, 196 Gladstone Giorgio, falecido a 23.11.1978; 97\*, 197 Grace Pietro, dispensado; 116\*, V\* Krasocki Giuseppe, falecido a 10.9.1978; 116\*, 438 Kujur Tarcisio, dispensado; 121\*, 381 Lennon Tomaso, dispensado; 124\*, 441 Lomga Marco, dispensado; 125\*, 271 López Ripa Giuseppe Antonio, dispensado; 126\*, 167 Louapre Francesco, falecido a 30.1.1979; 128\*, 198 Mageean Daniele, dispensado; 136\*, 270 Mataix Giuseppe Luigi, dispensado; 137\*, 201 McElligott Michele, falecido a 22.1.1979; 137\*, 386 Mc Guinness Michele, dispensado; 139\*, 294 De Mena Ilario, dispensado; 153\*, 8 O'Day Giovanni, falecido a 31.12.1978; 157\*, V\* Paesa Pasquale, falecido a 31.12.1978; 163\*, V\* Pereira Giuseppe (Figueir.), falecido a 24.1.1979; 173\*, 449 Ponnolikunnel Tomaso, Direttore nella Casa di Gauhati-Maligaon, p. 445; 175\*, 13 Rauco Mario, falecido a 8.1.1979; 184\*, 333 Roumann Spiridione, falecido a 11.2.1979; 193\*, 329 Schmidt Michele, falecido a 16.1.1979; 194\*, 294 Segovia Angelo, dispensado;

215\*, 312 Velasco Vasquez Giovanni, dispensado; 218\*, V\* Viet Antonio, falecido a 9.8.1978; 221\*, 197 Westin Natale, falecido a 24.11.1978.

**Advertências:**

pp. 474-478: situação hipotética

pp. 479-482: elenco não atualizado

pp. 438-453: disposição das Casas segundo sua inserção nas dioceses do lugar

---

**5.5 IRMÃOS FALECIDOS**

**AGRA Antônio de Almeida sac.**

n. Palmares (Brasil): 10.5.1899

m. Niterói (Brasil): 15.2.1979 aos 79 a. 58 de prof. 49 de sac.

**ALEXANDRINO Jonas cl.**

n. Buriti dos Lopes (Brasil): 17.5.1911

m. Manaus (Brasil): 19.11.1978 aos 67 a. 8 de prof.

**BATTEZZATI Virgínio sac.**

n. Monte di Valenza (Itália): 25.3.1888

m. Roma, S. Tarcisio: 4.12.1978 aos 90 a. 71 de prof. 64 de sac.

**BARBERA Concetto coad.**

n. Catania: 28.2.1904

m. Turim: 31.10.78 aos 74 a. 50 de prof.

**BISELLI Leopoldo coad.**

n. Montefabbri (Pesaro): 27.1.1930

m. Terini: 31-01-1979 aos 48 a. 23 de prof.

**BONAMINO Abraão sac.**

n. Restegassi (Alessandria): 23.11.1912

m. Buenos Aires (Argentina): 28.12.1978 aos 66 a. 49 de prof. 39 de sac.

**CIESLAR Adão sac.**

n. Grodek (Kotowice-Polónia): 27.7.1893

m. Marszalki (Polónia): 19.12.1978 aos 85 a. 66 de prof. 58 sac.

Foi Isp. 6 a.

**COLUSSI José sac.**

n. Casarsa (Pordenone): 22.10.1915

m. Melbourne: 26.12.1978 aos 63 a. 45 de prof. 31 de sac.

**COSTAMAGNA Simão** coad.

n. Cherasco (Cuneo): 17.9.1893

m. S. Marco (Mato Grosso): 27.1.1979 aos 85 a. 54 de prof.

**CRESPI Delfim** sac.

n. Legnago (Milão): 25.2.1907

m. Bangkok (Tailândia): 30.12.1978 aos 71 a. 47 de prof. 39 de sac.

**FERRO André** sac.

n. Caracas: 15.2.1903

m. Medellín (Colômbia): 23.11.1978 aos 75 a. 53 de prof. 45 de sac.

**GERLI Paulo** sac.

n. Lambrate (Mi): 18.7.1901

m. Treviglio (Bergamo): 14.12.1978 aos 77 a. 58 de prof. 49 de sac.  
foi Insp. 6 a.

**GLADSTONE Jorge** sac.

n. Lancaster (Inglaterra): 17.9.1907

m. Farnborough (Inglaterra): 23.11.1978 aos 71 a. 52 de prof. 43 de sac.

**HROBAR Antônio** sac.

n. Polesovice (Tcheco-Eslováquia): 30.11.1918

m. Polesovice: 19.1.1979 aos 60 a. 41 de prof.

**KORDA Clemente** sac.

n. Zakowo (Prússia-Polónia): 26.12.1884

m. Concepción (Chile): 1978 aos 93 a. 75 de prof. 67 de sac.

**LANNA José** coad.

n. Ponte Nova (Minas-Brasil): 27.2.1911

m. Belo Horizonte (Brasil): 23.11.1978 aos 67 a. 44 de prof.

**LANSINK Carlos** sac.

n. Dortmund (Alemanha): 23.6.1903

m. Essen-Oldenburg (Alemanha): 5.12.1978 aos 75 a. 42 de prof. 35 sac.

**LOUAPRE Francisco** coad.

n. Acigné (França): 11.9.1932

m. Acigné: 30.1.1979 aos 46 a. 21 de prof.

**MANZO João** coad.

n. Bene Vagienna (Cuneo): 30.11.1918

m. Torino: 12.1.1979 aos 60 a. 41 de prof.

**MARQUES Carlos** coad.

n. Fatumaca (Timor): 17.2.1913

m. Quinta de Pisão (Portugal): 29.10.1978 aos 68 a. 45 de prof.

MARTÍNEZ Afonso (Díaz) coad.

n. La Habana (Cuba): 2.7.1897

m. Madri (Espanha): 21.12.1978 aos 81 a. 49 de prof.

MARTÍNEZ Máximo sac.

n. Wilde (Buenos Aires): 29.5.1913

m. Buenos Aires: 26.11.1978 aos 65 a. 48 de prof. 38 de sac.

Foi Dir. 7 anni

McELLIGOTT Miguel coad.

n. Lixnaw (Irlanda): 30.5.1903

m. Tralee (Irlanda): 22.1.1979 aos 75 a. 40 de prof.

MOLINA Orlando sac.

n. Tampa (USA): 8.8.1915

m. New Rochelle: 11.12.1978 aos 63 a. 23 de prof. 17 de sac.

MULLANEY Henrique sac.

n. Belfast (Irlanda): 10.12.1913

m. Ballinakill (Irlanda): 7.12.1978 aos 64 a. 44 de prof. 35 de sac.

O'DAY João sac.

n. Coburg (Austrália): 26.2.1926

m. Roma-UPS: 31.12.1978 aos 52 a. 32 de prof. 23 de sac.

PAESA Pascoal sac.

n. Zaragoza (Espanha): 20.4.1903

m. Bahía Bianca (Argentina): 31.12.1978 aos 75 a. 58 de prof. 49 de sac.

PAJETTA Jorge sac.

n. Varzo (No): 30.7.1900

m. Sagayathottam (Índia): 2.11.1978 aos 78 a. 43 de prof. 38 de sac.

PEREIRA Neto José sac.

n. Aracaju (Brasil): 1.9.1911

m. Lorena (Brasil): 24.1.1979 aos 67 a. 50 de prof. 41 de sac.

PONZETTO Antonio coad.

n. Verolengo (To.): 15.8.1900

m. Asti: 14.11.1978 aos 78 a. 55 de prof.

PORTELLA João sac.

n. Sallent (Barcelona-Espanha): 2.12.1898

m. Rosário (Argentina): 10.6.1978 aos 80 a. 60 de prof. 51 de sac.

RIBÓ José coad.

n. Mantcortes (Espanha): 17.2.1901

m. Barcelona-Sarriá (Espanha): 16.6.1978 aos 77 a. 56 de prof.

RODRÍGUEZ Secondo sac.

n. Casupá (Uruguai): 13.5.1916

m. Montevideu (Uruguai): 7.9.1978 aos 62 a. 45 de prof. 37 de sac.

**RONCORONI Mário** coad.

n. Como (Itália): 10.5.1896

m. Turim (Oratório): 5.10.1978 aos 82 a. 54 de prof.

**ROUBA João** coad.

n. Vilna: 19.12.1895

m. Lima (Peru): 6.6.1978 aos 82 a. 56 de prof.

**SANTERAMO Miguel** coad.

n. Terlizzi (Bari): 1.8.1911

m. Soverato (Catanzaro): 8.12.1978 aos 67 a. 45 de prof.

**SCHERENBACHER Guálter** sac.

n. Ulm (Donau-Alemanha): 4.8.1917

m. Augsburg (Alemanha): 23.1.1979 aos 61 a. 42 de prof. 28 de sac.

**TUNINETTI Olívio** coad.

n. Turim 4.5.1905

m. Milão: 1.12.1978 aos 73 a. 43 de prof.

**VILLA Antônio** sac.

n. Affori (Milão): 28.12.1902

m. Milão: 24.11.1978 aos 76 a. 59 de prof. 51 de sac.

**WESTON Natal** coad.

n. Lewes (Grã-Bretanha): 25.12.1887

m. Londres: 24.11.1978 aos 91 a. 48 de prof.

**ZANONATO Orestes** coad.

n. Gazzo Padovano (Pádua): 17.10.1906

m. Asti: 20.12.1978 aos 72 a. 53 de prof.

---

## 5.6 NECROLÓGIO (ORDEM CRONOLÓGICA)

### Elenco dos Salesianos falecidos para inserir no Necrológio

#### 6 giugno

Sac. **PESSANO Umberto** † Rosario (Argentina) 1978 a 76 a.

Coad. **ROUBA Giovanni** † Lima (Perù) 1978 a 82 a.

#### 10 giugno

Sac. **PORTELLA Giovanni** † Rosario (Argentina) 1978 a 80 a.

#### 16 giugno

Coad. **RIBO Giuseppe** † Barcelona (Spagna) 1978 a 77 a.

**7 settembre**

Sac. RODRÍGUEZ Secondo † Montevideo (Uruguay) 1978 a 62 a.

**5 ottobre**

Coad. RONCORONI Mario † Torino 1978 a 82 a.

**29 ottobre**

Coad. MARQUES Carlo † Quinta de Pisa (Portogallo) 1978 a 58 a.

**31 ottobre**

Coad. BARBERA Concetto † Torino 1978 a 74 a.

**2 novembre**

Sac. PAJETTA Giorgio † Sagayathottam (India) 1978 a 78 a.

**14 novembre**

Coad. PONZETTO Antonio † Asti 1978 a 78 a.

**19 novembre**

Ch. ALEXANDRINO Giona † Manaus (Brasile) 1978 a 67 a.

**23 novembre**

Sac. FERRO Andrea † Medellin (Colombia) 1978 a 75 a.

Sac. GLADSTONE Giorgio † Farnborough (Inghilterra) 1978 a 71 a.

Coad. LANNA Giuseppe † Belo Horizonte (Brasile) 1978 a 67 a.

**24 novembre**

Sac. VILLA Antonio † Milano 1978 a 76 a.

Coad. WESTON Natale † Londra (Inghilterra) 1978 a 91 a.

**26 novembre**

Sac. MARTINEZ Massimo † Buenos Aires (Argentina) 1978 a 65 a.

**1 dicembre**

Coad. TUNINETTI Olivio † Milano (Italia) 1978 a 73 a.

**4 dicembre**

Sac. BATTEZZATI Virginio † Roma (Italia) 1978 a 90 a.

**5 dicembre**

Sac. LANSINK Carlo † Essen-Oldenburg (Germania) 1978 a 75 a.

**7 dicembre**

Sac. MULLANEY Enrico † Ballinakill (Irlanda) 1978 a 64 a.

**8 dicembre**

Coad. SANTERAMO Michele † Soverato (Catanzaro) 1978 a 67 a.

**11 dicembre**

Sac. MOLINA Orlando † New Rochelle (U.S.A.) 1978 a 63 a.

**14 dicembre**

Sac. GERLI Paolo † Treviglio (Bergamo) 1978 a 77 a.

**19 dicembre**

Sac. GIESLAR Adamo † Marszalki (Polonia) 1978 a 66 a.

**20 dicembre**

Coad. ZANONATO Oreste † Asti 1978 a 72 a.

**21 dicembre**

Coad. MARTÍNEZ DÍAZ Alfonso † Madrid (Spagna) 1978 a 81 a.

**26 dicembre**

Sac. COLUSSI Giuseppe † Melbourne (Australia) 1978 a 63 a.

**28 dicembre**

Sac. BONAMINO Abramo † Buenos Aires (Argentina) 1978 a 66 a.

**30 dicembre**

Sac. CRESPI Delfino † Bangkok (Thailandia) 1978 a 71 a.

**31 dicembre**

Sac. OD'AY Giovanni † Roma 1978 a 52 a.

Sac. PAESA Pasquale † Bahia Blanca (Argentina) 1978 a 75 a.

**1 gennaio**

Sac. HROBAR Antonio † Polesovice (Cecoslovacchia) 1979 a 60 a.

Coad. TUNINETTI Olivio † Milano 1979 a 73 a.

**12 gennaio**

Coad. MANZO Giovanni † Torino 1979 a 60 a.

**22 gennaio**

Coad. McELLIGOTT Michele † Tralee (Irlanda) 1979 a 75 a.

**23 gennaio**

Sac. SCHERENBACHER Gualtiero † Augsburg (Germania) 1979 a 61 a.

**24 gennaio**

Sac. PEREIRA Neto Giuseppe † Lorena (Brasile) 1979 a 67 a.

**27 gennaio**

Coad. COSTAMAGNA Simone † São Marcos (Brasile) 1979 a 85 a.

**30 gennaio**

Coad. L'OUAPRE Francesco † Acigné (Francia) 1979 a 46 a.

**31 gennaio**

Coad. BISELLI Leopoldo † Montefabbri (Pesaro) 1979 a 48 a.

**15 febbraio**

Sac. AGRA Antonio † Niterói (Brasile) 1979 a 79 a.



Composto e Impresso nas  
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS  
Rua da Mooca, 766 (Mooca)  
Fone: 279-1211 — P. A. B. X.  
Caixa Postal, 30 439  
SÃO PAULO